



Resenha

Poder popular no século XXI

Cênio Back Weyh
weyh.gel@terra.com.br

WAINWRIGHT, H. 2005. *Poder popular no século XXI*. Tradução José Corrêa Leite. São Paulo, Xamã, 215 p.

A luta pela democracia, neste início de século XXI, exige uma reflexão aprofundada sobre o tema da representação política. A emergência de novos atores sociais questiona os canais políticos construídos sob a tutela da democracia representativa. O poder popular se constitui como força política na medida que sua organização é capaz de disputar espaços e mediações com os poderes estabelecidos. Experiências de democracia participativa se apresentam como alternativa na gestão pública, recriando relações comprometidas entre a sociedade civil e o poder público. O tema das relações de poder sempre é algo complexo. No entanto, a autora o faz com imensa competência em sua obra dividida em seis capítulos.

No primeiro, destaca as razões da importância da democracia participativa. Explicita as fraquezas da democracia representativa e seus efeitos na sociedade pós-moderna.

No segundo capítulo, estabelece uma relação entre conhecimento, poder e democracia. As pré-condições para a prática da democracia apontam para o conhecimento e o poder. Só participa do poder quem conhece. Aí está o vínculo entre educação e poder.

Na terceira parte, Hilary fala da luta pela democracia. Para a autora, a democracia é um processo de escala, uma viagem que não possui porto definitivo. É um movimento de luta participativa em direção de condições pela igualdade de oportunidades. O objetivo é evitar processos de exclusão em favor da inclusão de todos os atores sociais.

No quarto capítulo, a autora analisa a experiência do Orçamento Participativo na cidade de Porto Alegre. A autora entende que o OP é uma forma de gestão em que o poder público vai além do Estado. A participação dos

cidadãos na definição das prioridades caracteriza a presença do poder popular na administração. A democracia participativa possibilita o controle da sociedade civil sobre o governo.

Na quinta parte, são analisadas três exemplos ingleses de lutas no centro do sistema. Os estudos comparativos ampliam a visão dos leitores e interessados na temática. Penso que a riqueza maior da obra de Hilary está em oferecer as possibilidades de relacionar experiências alternativas de gestão pública locais com outras realidades. Isto mostra que o modelo de democracia burguesa liberal está cada vez mais desacreditado em diferentes partes do mundo. A clássica separação estabelecida entre o poder econômico e político na visão liberal está sendo minada pela emergência do poder popular. Ser cidadão é sinônimo de participação e quem participa quer sentir o poder. A conquista do poder se dá pela organização da sociedade civil em diferentes frentes. Não há uma fórmula única adequada para o exercício democrático do poder. Cada realidade local estabelece ou cria as condições mais ou menos favoráveis para o desenvolvimento de uma prática democrática ou não de gestão pública. O fator cultural interfere diretamente nas formas de organização da sociedade.

“Mudando o mundo pela transformação do poder” é o último capítulo da obra. Entre outros, a autora discute as possibilidades da participação sem transformar o poder, o contrapoder democrático, os interesses particulares que se instalam no Estado, do que depende a força e legitimidade da democracia participativa. Faz um alerta sobre os perigos da parceria público-privado e ressalta a importância do Fórum Social Mundial como elemento enlaçador das questões locais e globais.

67





Hilary postula que a democracia poderá consolidar-se pela combinação da consciência transformadora e emergência de nova estrutura da sociedade. A democracia participativa precisa unir economia e política. Esta unidade deve enraizar-se no poder criando impactos político duradouros. O desafio está posto: recriar a democracia. Investigar experiências democráticas passa a ser uma forma inteligente de contribuir nesta escalada da construção de uma sociedade democrática, especialmente em tempos de guerra.

Na apresentação da obra Sánches diz que “a leitura do trabalho de Hilary coloca-nos diante do desafio de procurar o alcance da aposta realizada na constituição de formas inovadoras para o exercício dos direitos e da cidadania que descortinam potencialidades de transformação e de ressignificação da política, do poder e da sociedade” (p. 11).

Na contracapa, o sociólogo português, Boaventura de Sousa Santos destaca que, “de forma incisiva e alta-

mente acessível, a autora sistematiza experiências de participação popular e mostra como, em todas elas, há uma relação tensa, mas frutuosa entre a democracia representativa e a democracia participativa. Nesta relação reside o futuro da democracia”.

Em suas teses Hilary entende que a transformação do poder político passa necessariamente pela criação de contrapoderes democráticos.

Só me resta recomendar a leitura da obra para que possamos avançar no campo teórico e prático da construção da democracia.

Sobre a autora do livro:

Hilary Wainwright é editora da revista *Red Pepper*, comentarista de rádio e TV, colaboradora do *Guardian* e membro do Centro Internacional de Estudos do Trabalho da Manchester University, do Centro de Governança Global da London School of Economics e do Transnational Institute de Amsterdã.